

**Instituto Superior Técnico da
Universidade de Lisboa**

Relatório Rápido nº 48

**Relatório Rápido nº 48
Dados de 19 de Abril de 2022**


Actualização do Indicador de Avaliação da Pandemia

Grupo de trabalho de acompanhamento da pandemia de COVID-19 em Portugal - 2022

[Redacted signature]

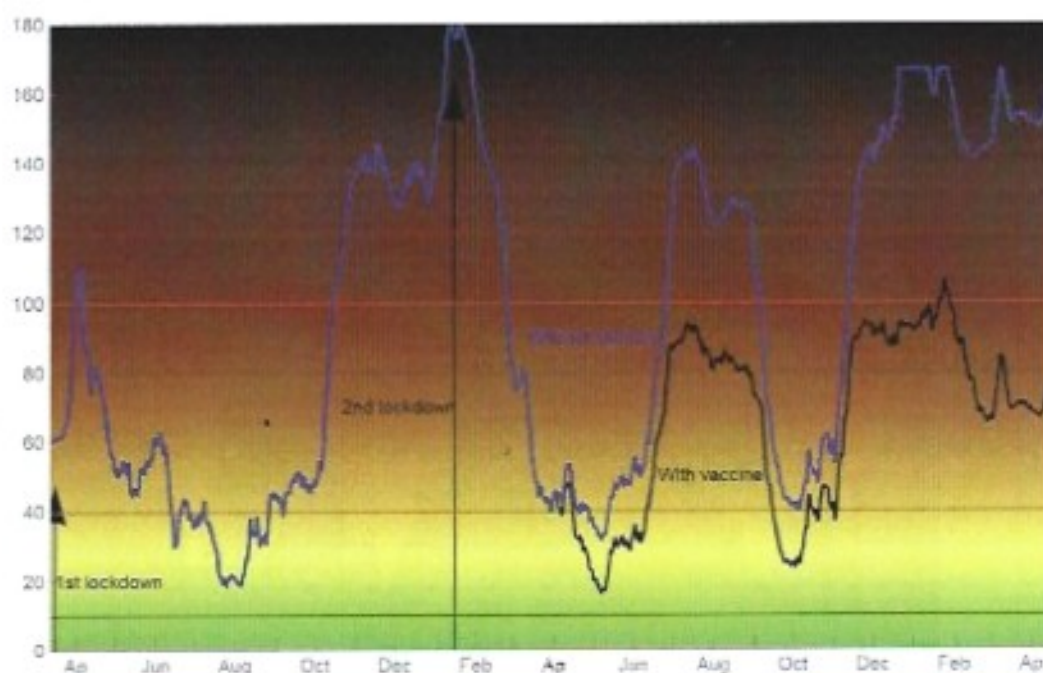
**Coordenação de Rogério Colaço
Presidente do Instituto Superior Técnico**

Sumário:

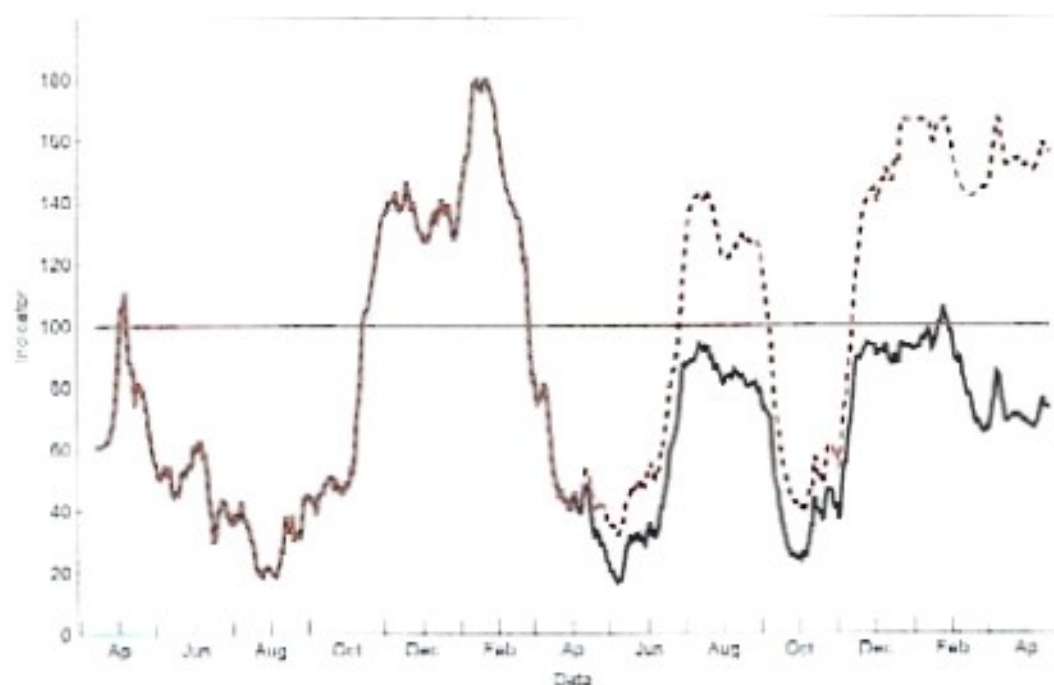
- A situação da pandemia de COVID-19 em Portugal está, neste momento, estável com muito ligeira tendência de agravamento.
- O indicador da pandemia está agora a 72.27 pontos (83.21). Este valor ainda é elevado. Os números têm tendência estável com ligeiro aumento provável. Note-se que a gripe sazonal nos seus piores picos desde 2000 nunca ultrapassou o valor de 56 pontos.
- Pode-se observar a evolução recente do indicador do Técnico  em: [Indicador de Avaliação da Pandemia \(ulisboa.pt\)](https://indicadorcovid19.tecnico.ulisboa.pt/) Este indicador foi agora actualizado após a cessação da prestação diária de dados pela DGS a 13 de Março de 2022. Tivemos de modificar o processo de cálculo. Estamos neste momento a efectuar a sua actualização diária de novo. <https://indicadorcovid19.tecnico.ulisboa.pt/>
- O Rt está ligeiramente acima de 1. Ultrapassou o valor de 1 com os dados da incidência da última semana.
- A letalidade está a subir desde Fevereiro.
- Deve ser mantida a monitorização. Deve ser indicado à população que é necessário tomar cuidados individuais, nomeadamente quando o indicador IAP, que mede a gravidade, está em nível próximo de alerta e a protecção imunitária está, segundo a evidência recolhida, a descer.

Situação actual

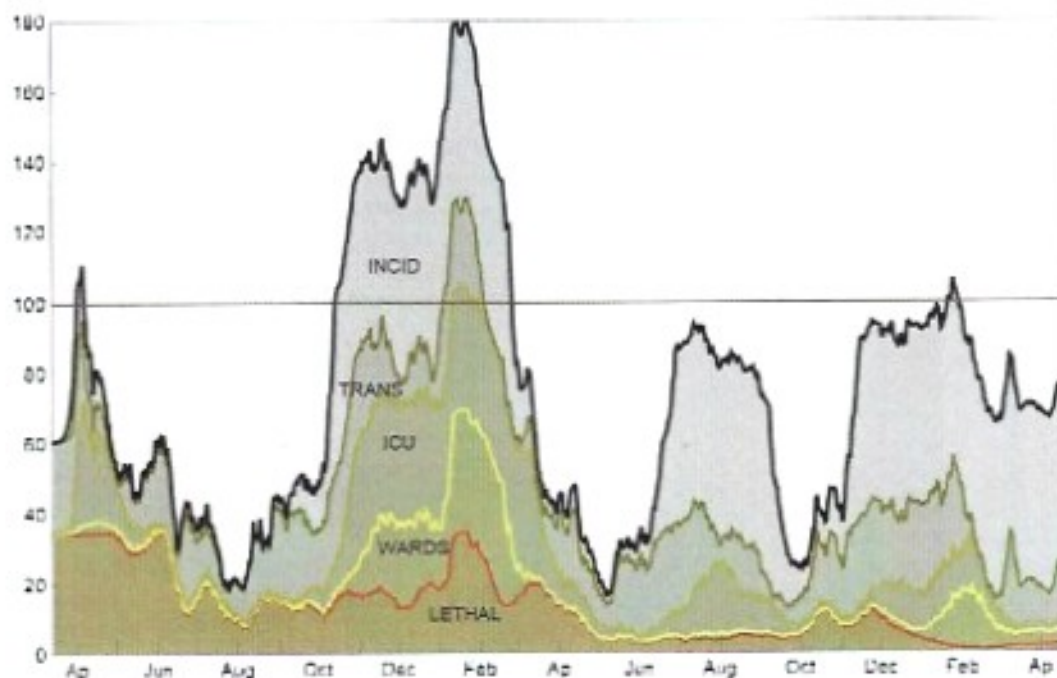
- Desde o último relatório, a 10 de Março de 2022, houve uma diminuição ligeira do risco pandémico. O indicador de avaliação da pandemia (IAP) está já em 72.48 (83.21 há um mês) Este indicador combina a incidência (28%), transmissibilidade (14.1%), letalidade (19.3%), hospitalização em enfermaria (19.3%) e, finalmente, em unidades de cuidados intensivos (19.3%). Os ponderadores estão indicados entre parêntesis.
- Podemos ver no próximo gráfico a evolução deste indicador em toda a pandemia até o dia de hoje. A 24 de Janeiro atingiu-se o pico do Indicador de Avaliação da Pandemia com 105.8 pontos para esta vaga pandémica relacionada com a variante omicron, depois deu-se uma descida significativa e finalmente uma subida recente ligada à linhagem BA.2. O mínimo local deu-se a 26 de Fevereiro com 64.3 pontos, hoje estamos com 73.26.



- No gráfico seguinte vemos o indicador evidenciando o efeito da vacinação. Sem a vacinação estaríamos actualmente numa situação crítica.

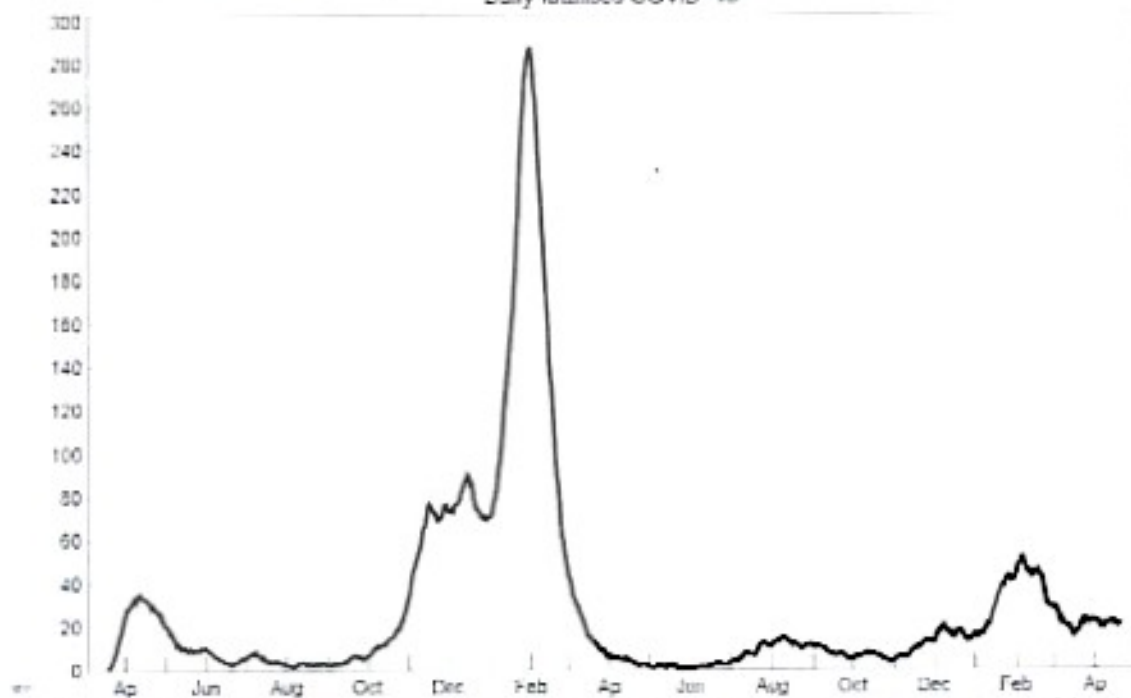


- No gráfico seguinte vemos as diferentes contribuições das diferentes dimensões do indicador desde a sua introdução. A transmissibilidade e incidência contribuem de forma significativa para o indicador. A gravidade diminuiu o seu efeito desde a introdução da vacinação. O efeito da gravidade sentido em Fevereiro já se atenuou.



Os óbitos diários em média móvel a sete dias passaram de 22.3 para 20.9, tendo já passado o seu pico a 6 de Fevereiro como se pode ver no gráfico seguinte.

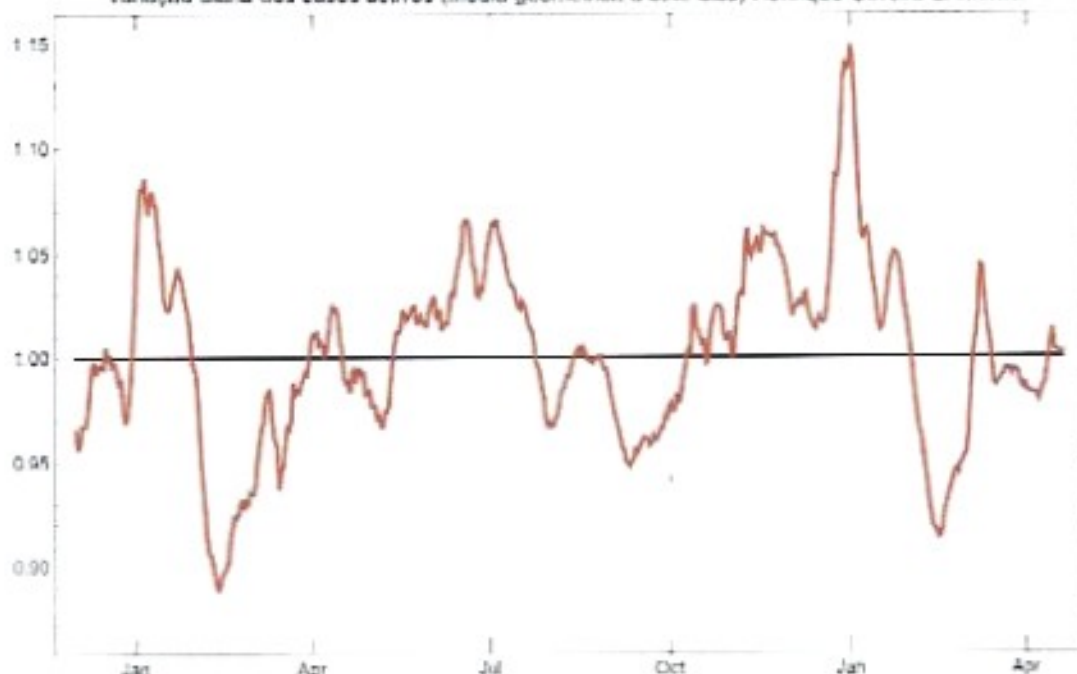
Daily fatalities COVID-19



O R_t está acima de 1 no país. Temos em média geométrica a sete dias 1.012. Infelizmente, a falta de prestação de dados diários relativos às regiões, por parte da DGS, impede uma análise detalhada dos números a nível regional.

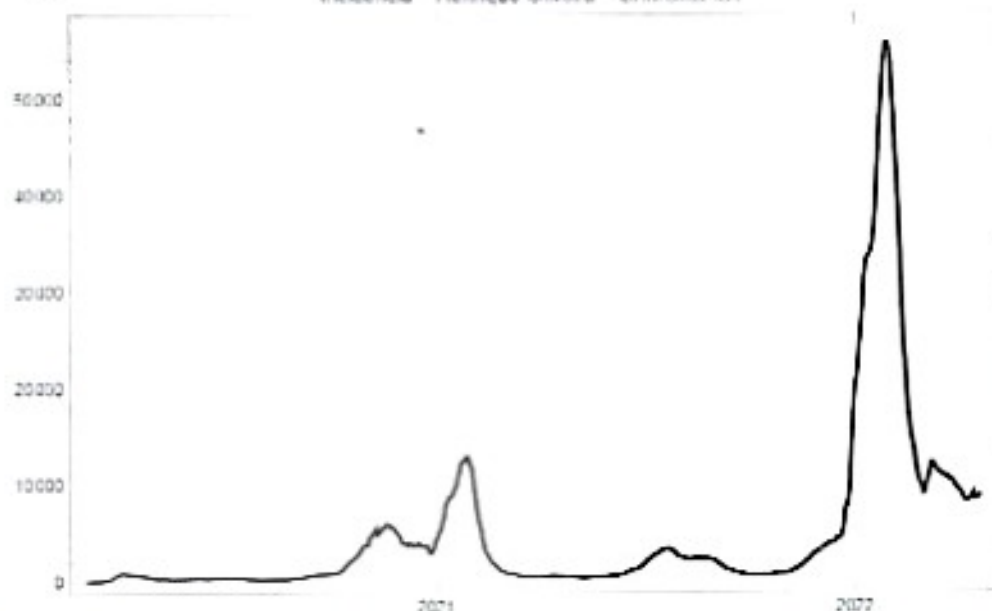
- A taxa de crescimento dos activos, em média móvel a sete dias, tem o valor 1.0021 (1.0437). Revela, assim, um crescimento diário nominal de 0.21% ao dia na última semana. Há, por consequência, uma tendência muito ligeiramente crescente.

Variação diária dos casos activos (Média geométrica a sete dias) Henrique Oliveira CAMGSD



A incidência em média a sete dias caiu de 12145 para 8763 entre relatórios, uma descida significativa. No entanto a tendência mais recente é, de novo, de subida muito ligeira. No gráfico seguinte vemos a curva da incidência.

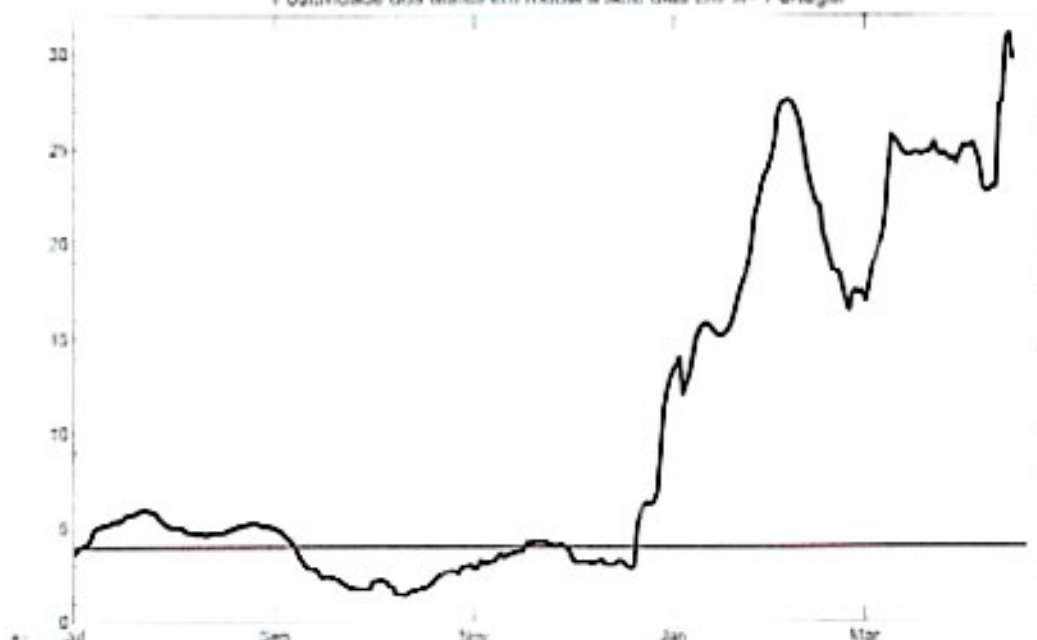
Incidência - Henrique Oliveira - CAMGSD ISI



- A incidência acumulada a 14 dias por 100.000 habitantes desceu entre relatórios de 1451 para 1194. Este é um mau indicador, como já referido nos relatórios anteriores.
- A positividade dos testes matem-se em níveis altíssimos, próximos dos 30%. Pode ver-se o gráfico

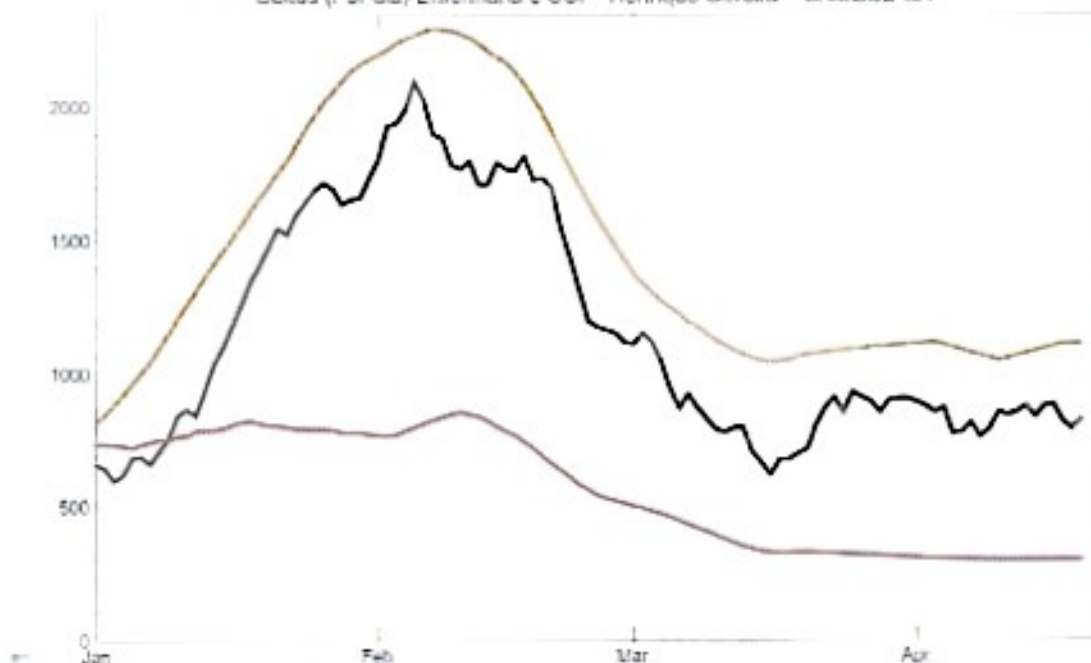
da positividade na figura seguinte.

Positividade dos testes em média a sete dias em % - Portugal

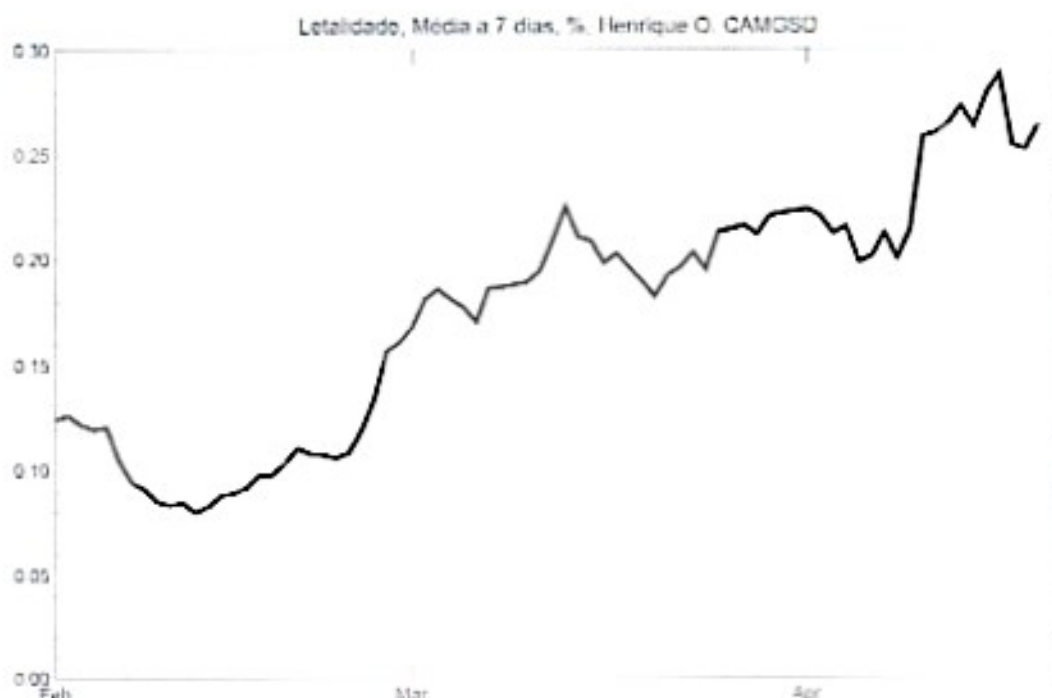


- * Na figura seguinte vê-se a comparação entre ocupação em enfermaria, UCI e óbitos, e pode-se notar que, nos três casos, os picos se atingiram na quinta vaga pandémica da variante Omicron. A tendência é de estabilidade. Neste ponto não temos razões para crer num aumento da gravidade com excepção de letalidade.

Óbitos (Por dia) Enfermaria e UCI - Henrique Oliveira - CAMGSD IST



- * A letalidade está a subir desde o dia 6 de Fevereiro, como se pode ver na figura final. Passou em cerca de dois meses para o dobro dos valores de Fevereiro, essa subida é muito reveladora sobre o efeito dinâmico da vacinação no tempo.



Conclusão

Há mudanças significativas desde o último relatório. A possibilidade de sexta vaga não se concretizou com a nova variante Ómicron BA.2, isto deve-se à elevada cobertura vacinal que permitiu suportar o impacto de forma mais amortecida do que nos nossos congéneres europeus.

A situação é de redução do perigo pandémico face ao anterior relatório.

A nova linhagem BA.2 da variante Ómicron teve um impacto moderado em Portugal. Continuamos a afirmar que uma monitorização de qualidade é adequada para evitar surpresas negativas.

O termómetro da pandemia, i.e., o IAP, está em 72.5 pontos com tendência muito ligeira de subida, o que segundo a Ordem dos Médicos (Gabinete de crise) e o Técnico (grupo de trabalho autor deste texto) está abaixo do nível de alerta. Aconselhamos o reforço da monitorização e passar a mensagem de que o perigo pandémico ainda não terminou.

A estagnação actual deve-se a alguma evasão imunitária que a linhagem BA.2 acarreta, isto apesar da saturação de contágios e esgotamento de susceptíveis relativamente a variantes e linhagens anteriores.

As nossas projecções asseguram que existe alguma margem de segurança no alívio de medidas (máscaras) devido à elevada cobertura vacinal, mas que os mais idosos devem ser protegidos das formas que se considerem adequadas, pois está a reduzir-se a sua protecção vacinal.

A eliminação da máscara em contexto escolar não terá impactos muito significativos no crescimento da incidência, segundo os nossos modelos de previsão.

A monitorização dos números da pandemia deve ser feita de forma rigorosa e transparente até a declaração de "Fim De Pandemia" da OMS. Dados rigorosos e muito actualizados devem fundamentar a tomada de decisão.

Como escrito muitas vezes nos nossos relatórios: "Há ainda e sempre a possibilidade da introdução de novas mutações do SARS-CoV-2". Fica a ressalva de que uma nova variante pode sempre colocar em causa previsões baseadas nas variáveis e parâmetros das variantes actuais.